

## / PALAVRA DO LEITOR

**Tragédia climática**

Na quinta-feira passada, o nível do lago Guaíba, em Porto Alegre, ficou abaixo dos 5 metros pela primeira vez desde que ultrapassou essa marca, no dia 4 de maio. Ainda assim, o nível ainda está 2 metros acima da cota de inundação, que é de 3 metros. Em bairros como a Cidade Baixa e o Menino Deus, já houve recuo da água em alguns pontos. Em outros, a água aparenta estar estável (**Jornal do Comércio**, 10/05/2024). Um jornal que se dedica a notícias da economia e do empresariado, hoje tornou-se um grande difusor de notícias em geral, quebrando, assim, uma hegemonia de comunicação na Região Sul. (*Sidnei Barbosa da Silva*)

**Tragédia climática II**

Notícias atuais sobre a enchente trágica no RS e sempre buscando a verdade. Parabéns ao JC pelos conteúdos. (*Raimundo Ta-deu dos Santos*)

**Tragédia climática III**

O JC age com transparência e precisão ao noticiar os fatos sobre a calamidade que assola o Rio Grande do Sul. (*Paulo Grassi*)

**Porto Alegre**

Em entrevista ao JC, o engenheiro ambiental Iporã Possanti, doutorando do Instituto de Pesquisas Hidráulicas (IPH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), afirmou que há uma perspectiva de que Porto Alegre receba ainda mais água, o que manterá a enchente (JC, 08/05/2024). A responsabilidade do que aconteceu em Porto Alegre é, exclusivamente, do poder público. O lago Guaíba já vinha demonstrando sua força em eventos anteriores e nada foi feito para conter a situação. (*Vagner Roberto Mena de Souza*)

**Litoral Norte**

Com falta de água, sem energia e com mercados desabastecidos, muitos moradores de Porto Alegre decidiram rumar ao Litoral Norte para se afastar das áreas mais afetadas pelas cheias. Em Capão da Canoa, o movimento é equivalente à temporada de verão. O fluxo também ocorre em outros municípios do Litoral Norte (JC, 08/05/2024). Ótimo! As praias são um refúgio temporário para a população. (*João Afonso Boer*)

**Abastecimento de água**

A estação de água que abastece bairros da zona Sul de Porto Alegre foi religada no dia 7 de maio. No entanto, 20 horas depois, muitos moradores ainda reclamavam que estavam sem abastecimento (Site do JC, 08/05/2024). A prefeitura de Porto Alegre pede que seja feito uso racional da água, mas como fazer isso se ela nem chega às torneiras. Moro no bairro Tristeza e mais de 48h depois de religada a estação, não chegou a água. (*Aleiza Monteiro Quites*)

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 2300 caracteres, com espaço. Os artigos e cartas publicados com assinatura neste jornal são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e o de refletir as diversas tendências.

## / ARTIGOS

**Um Estado e uma enchente histórica**

Caroline Bauer

A maior enchente pluviométrica já vivenciada pelo Estado do Rio Grande do Sul, em inúmeros municípios, revela o quão guerreiro e resiliente é o seu povo. Profissionais das áreas de segurança e civis mostraram-se verdadeiros heróis ao arriscarem suas vidas pela do próximo, em condições materiais e climáticas extremamente difíceis e desafiadoras. Inúmeras correntes de solidariedade, de muitas frentes, se estabeleceram em solo gaúcho, onde a população, visando preencher as lacunas do poder público, mobiliza-se a fim de atender aos necessitados e propiciar o enfrentamento às situações urgentes.

A humanidade, também lema da bandeira rio-grandense, faz-se presente nos corações gaúchos e, tomara que as lágrimas nos olhos daqueles que perderam entes queridos, suas casas e seus bens, sejam secadas pela esperança de dias melhores, pela esperança de superação da dor e da angústia, pela esperança de reconstrução. O desejo é que o nosso solo gaúcho e os gaúchos se reergam com a mesma força e garra que tiveram os imigrantes ao chegarem aqui, com escassos recursos, muita bravura e, é claro, com olhos preenchidos de confiança no futuro.

Espera-se que a triste catástrofe gere ações realmente efetivas no que compete aos poderes públicos envolvidos (em suas três esferas), no intuito de obter soluções sólidas e técnicas, alicerçadas em planos de prevenção e planejamento - a curto, médio e longo prazo -, a fim de que eventos climáticos possam ter suas consequências e im-

pactos minimizados, com vistas a reconhecer a peculiaridade geográfica de cada município atingido, entendendo-se que existe uma capilaridade e complexidade por trás do todo.

Que se possa, depois de esgotado o enfrentamento imediato que a situação requer, de forma racional, compreender as raízes alusivas à problemática, sejam de ordem estritamente técnica ou aquelas inerentes à estrutura deficitária ou inoperante existente nos órgãos governamentais.

Ainda, não é vago sublinhar que a atuação dos órgãos de fiscalização, como o Ministério Público, será de extrema importância não só no âmbito futuro-preventivo, mas sobremaneira no de reconstrução e aplicação dos recursos públicos ou privados destinados para tal, no escopo de impedir que cenários de corrupção e ineficiência de gestão façam parte deste lamentável capítulo, assegurando a eficiência e transparência das ações.

Por fim, que as boas sementes de oração, força e solidariedade sejam ainda mais lançadas neste chão, pois recordemos do trecho da música que diz "É o meu Rio Grande do Sul, Céu, Sol, Sul, terra e cor, onde tudo o que se planta cresce e o que mais floresce é o amor".

Advogada

Espera-se  
que a triste  
catástrofe gere  
ações realmente  
efetivas dos  
poderes públicos

**Um manifesto pela razão**

Guilherme Vieira

Condições climáticas extraordinariamente específicas fizeram quantidades inéditas de nuvens estacionarem e desaguarem sobre o Rio Grande do Sul. Os principais afluentes do Estado inundaram cidades inteiras, restando um número incontável de vítimas. A tragédia hoje enfrentada

É o momento de os gaúchos se unirem para pensar soluções para essa nova e ameaçadora realidade

apequenou a histórica cheia de 1941.

Desse cenário de guerra, ficou um terreno fértil para a colheita do mais perigoso sentimento: o medo. E, dessa colheita, os aproveitadores sabem bem como prosperar. Fingem altruísmo, propagam desespero, e não se envergonham de criar mentiras. Tudo vale para lucrar no espetáculo do horror.

O Brasil e o mundo têm assistido o replicar em massa desses estelionatários. Aparecem a todo tempo nas redes sociais, onde vivem justamente do empobrecimento do debate público e do enfraquecimento do tecido social. Seus seguidores crescem das narrativas de divisão, e se retroa-

limentam em uma audiência sedenta por ódio.

Em tempos normais, essa receita leva à falência do estado democrático. No cenário de catástrofe, então, aumentam as ameaças existenciais. Não se comportar racionalmente no longo caminho até a reconstrução do Rio Grande e de um ambiente climático equilibrado, é acelerar a marcha para a extinção.

Negociar com a natureza não é missão para um só prefeito, governador ou presidente. Negociar, aliás, é o máximo que se pode fazer: algumas melhorias aqui, outras ali. No final, é ela quem reina soberana. Somos corpos frágeis diante de uma força impiedosa. Dias melhores só virão por um caminho: uma revolução - mas não uma de rupturas violentas.

É momento de 11 milhões de gaúchos se unirem em paz para pensar soluções para essa nova e ameaçadora realidade. De 200 milhões de brasileiros discutirem racionalmente o tributar, o administrar, o proibir ou legalizar, o desmatar ou produzir. De um planeta inteiro renegociar seu débito climático.

É hora de uma revolução pela razão. O primeiro passo na direção do amadurecimento coletivo é o cancelamento dos influenciadores da bile.

Advogado e mestrando em  
Direito Público pela Unisinos